

# Comunicação, educação, práticas de consumo e cidadania: em perspectiva o *rap* da periferia paulistana

Fernanda Elouise Budag

*Doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, membro dos Grupos de Pesquisa Midiato – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas (ECA-USP) e Comunicação-Consumo: Educação e Cidadania (ESPM-SP). Docente da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM).*

*E-mail: fernanda.budag@gmail.com*

Rosilene Moraes Alves Marcelino

*Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação-Consumo: Educação e Cidadania (ESPM-SP). Docente da ESPM-SP.*

*E-mail: rosilene.marcelino@outlook.com*

Antonio Helio Junqueira

*Doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, docente da Pós-Graduação da ESPM-SP, Coordenador Acadêmico de Projetos da Escola do Futuro (USP) e membro dos Grupos de Pesquisa Comunicação-Consumo: Educação e Cidadania (ESPM-SP) e Observatório da Cultura Digital (USP).*

*E-mail: helio@hortica.com.br*

**Resumo:** O presente artigo consiste em uma apresentação de resultados parciais de uma pesquisa mais ampla que propõe investigar o universo simbólico do *hip hop*, atendo-se à vertente do *rap*. Mais especificamente, analisar, a partir de revisão de literatura e da perspectiva da análise de discurso de linha francesa, as produções de um grupo de *rap* que nasceu na periferia de São Paulo, os Racionais MC's, na intenção de compreender como a cultura midiática e a de consumo figuram em suas narrativas (letras das músicas) e, nisso, procurar entender também como se constrói o sentido de cidadania.

**Palavras-chave:** comunicação e práticas de consumo; cidadania; culturas urbanas; música, *rap*.

**Abstract:** This paper presents the partial results from a wider research, which proposes to investigate the symbolical universe of hip hop music, particularly the rap music. More specifically, we aim to analyze, from the literature review and from the perspective of French Discourse Analysis, the productions of a rap group from the outskirts of São Paulo, Racionais MC's. We intend to comprehend how media and consumption cultures appear in their narratives (lyrics) and to understand how the conception of citizenship is constructed.

**Keywords:** communication and consumption practices; citizenship; urban cultures; music; rap.

Recebido: 27/12/2013

Approved: 06/01/2014

## 1. INTRODUÇÃO

Nossos escritos resultam de um projeto maior, ainda em andamento, que procede de nossa participação junto ao grupo de pesquisa Comunicação, Educação, Práticas de Consumo e Cidadania, iniciativa da ESPM formalizada junto ao CNPq e coordenada pelas professoras Maria Aparecida Baccega e Marcia Perencin Tondato. As discussões aí mobilizadas gestaram nosso desejo de lançarmo-nos na cidade de São Paulo, compreendendo-a, na acepção de Martín-Barbero<sup>1</sup>, como espaço comunicacional, constituído de diversos territórios capazes de nos desvelar intercâmbios e exclusões. Por dentro da produção cultural dos bairros, intencionamos nos aproximar da chamada *reciclagem cultural* apontada por Martín-Barbero, na qual se entretecem vícios e resistências que, apesar de eventuais esquematismos, trazem-nos relatos que falam de mestiçagens entre “a violência que se sofre e aquela outra com a qual se resiste, e das transformações morais sem as quais resulta impossível sobreviver na cidade”<sup>2</sup>.

Dentre as diversas possibilidades de imersão na cena paulistana, optamos pela música, atrelando-nos a um gênero capilarizado nas periferias: o *rap* (do inglês, *rhythm and poetry*, “ritmo e poesia”). Aliás, ao utilizarmos aqui a expressão periferia, reconhecemos o seu trasladar de “oposição ao centro, onde se concentram os recursos materiais e simbólicos” para constituir-se não apenas como afirmação de “pertencimento territorial, mas também de uma nova vertente de produção artística e cultural”<sup>3</sup>. Esta vertente musical, o *rap*, nasce na Jamaica na década de 1960 e chega aos bairros pobres de Nova York, nos Estados Unidos. No Brasil, o ritmo é incorporado em São Paulo em 1986, de acordo com a Cufa (Central Única das Favelas)<sup>4</sup>.

Com uma batida rápida e acelerada, a letra toma forma de um discurso e preocupa-se em trazer mais informação e menos melodia. Em geral, em meio a efeitos sonoros e mixagens, as letras relatam as “dificuldades da vida dos habitantes de bairros pobres das grandes cidades”<sup>5</sup>.

Assim, aqui pretendemos colocar lentes nesse gênero musical e, a título de delimitação, elegemos um grupo brasileiro surgido em 1988, os Racionais MC's. Nossos olhares voltam-se à discografia oficial da banda, e, operando um recorte, nosso *corpus* compreende letras de três álbuns de estúdio, que seriam os mais representativos na percepção de estudantes apreciadores do gênero e que colaboraram com as sugestões das músicas, cobrindo praticamente toda a trajetória da banda: *Holocausto urbano* (1990), *Sobrevivendo no inferno* (1997) e *Nada como um dia após o outro* (2002)<sup>6</sup>. Entre as músicas analisadas, temos: “Racistas otários”, “Capítulo 4 versículo 3”, “Fórmula mágica da paz”, “Mágico de Oz”, “Periferia é periferia”, “Tô ouvindo alguém me chamar”, “A vida é desafio”, “O crime vai o crime vem”, “Vida loka, partes 1 e 2”. Neste conjunto, pudemos identificar um percurso de lutas que rearticulam socialmente a ordem do discurso sobre a periferia, tensionando e alterando o seu equilíbrio hegemônico – contraditório e instável –, apontando, quiçá, para a transformação possível das relações sociais existentes.

1. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

2. Idem, pp. 285-286.

3. REYES, Celia R. Quatro jovens, quatro trajetórias. In: Caderno Globo Universidade. *Subúrbios e identidades: um olhar multidisciplinar sobre a história e a cultura do subúrbio e sua representação na construção do imaginário social brasileiro. Uma reflexão com base na minissérie Suburbia*, p. 11. Disponível em: [especial.globouniversidade.redeglobo.globo.com/CadernoGUSuburbia.pdf](http://especial.globouniversidade.redeglobo.globo.com/CadernoGUSuburbia.pdf). Acesso em: out. 2013. .

4. MICHELLI, Cíntia. *O que é rap?* (2009). Disponível em: <http://cufasinop.blogspot.com.br/2009/06/o-que-e-rap.html>. Acesso em: set. 2013.

5. Idem, *ibidem*.

6. VAGALUME. *Racionais MC's*. Disponível em: [www.vagalume.com.br/racionais-mcs/biografia](http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/biografia). Acesso em: set. 2013.

Assim, ao abranger a denúncia como crítica ao pensamento hegemônico sobre a vida e o indivíduo periféricos a partir de duas de suas principais dimensões – a violência e a pobreza –, o discurso musical passa a incorporar, também, a potência e a possibilidade de superação. E, assim, o consumo e a cidadania como potencialidades.

## 2. O RAP: PROBLEMATIZANDO NOSSO OBJETO DE ESTUDO

Conforme já situado, o presente objeto de estudo a ser problematizado é o *hip hop* – mais especificamente o *rap*, um de seus pilares – enquanto expressão da cultura popular urbana, sobretudo juvenil, e seus discursos.

Esse gênero musical ganha um sentido mais sociopolítico, constituindo-se em uma espécie de trilha sonora de tempos mais conflituosos, nos quais a ideia de conciliação social é substituída pelo discurso do confronto, afastando-se de certa vertente “cordial” do samba e MPB<sup>7</sup>.

Nesse contexto, questões que nos interessam mais de perto são: como se manifestam nas letras das músicas do *hip hop* – mais especificamente do *rap* – elementos da cena midiática e da cultura do consumo? E, nessa direção, como se constrói o sentido de cidadania a partir desse universo musical?

Propomos como objetivo de nossa pesquisa, através do *rap*, colocar em perspectiva as produções culturais emergidas na cena periférica paulistana a fim de entender as produções de sentido constituídas na dialogia do cotidiano.

A fim de darmos conta do problema de investigação e objetivo propostos, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa que acaba assumindo um caráter exploratório, uma vez que visa ampliar reflexões sobre o fenômeno em questão. Nas palavras de Severino<sup>8</sup>, uma pesquisa exploratória busca “[...] levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”.

A partir desse desenho, estruturamos o estudo em três etapas metodológicas: (1) pesquisa bibliográfica, (2) pesquisa documental e (3) análise do *corpus*. A pesquisa bibliográfica foi caracterizada por uma revisão de literatura em torno de conceitos e autores que discutem as temáticas afins ao nosso objeto de estudo, agregando-lhe sustentação. Na segunda etapa, pesquisa documental, fizemos um levantamento de músicas de *rap* da periferia paulistana – centrando-nos na produção do grupo Racionais MC’s –, que foram, por fim (terceira etapa), analisadas segundo o aporte teórico da análise de discurso de linha francesa (ADF). Ao elegermos a ADF, reconhecemos a linguagem como aspecto-chave para a compreensão de nossa realidade, visto constituir-se como espaço de articulação tanto de processos ideológicos como de fenômenos linguísticos<sup>9</sup>. Endossamos a perspectiva de Orlandi, para quem as “palavras simples do cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós”<sup>10</sup>.

7. HERSCHMAN, Micael; GALVÃO, Tatiana. Algumas considerações sobre a cultura *hip hop* no Brasil hoje. In: BORELLI, Sílvia H. S.; FREIRE FILHO, João. *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008, pp. 196-197.

8. SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 123.

9. BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

10. ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2009, p. 20.

O que apresentamos na sequência é um recorte inicial que perpassou todas essas fases. Ou seja, apresentamos nossa base teórica de referência e, em seguida, nossas primeiras impressões analíticas das letras das músicas.

### 3. CULTURA: AJUSTANDO NOSSO CALEIDOSCÓPIO

Como pano de fundo, temos a cultura. E iniciamos buscando nas palavras de Paulo Freire as significações para expressão tão plural. Aliás, a presença do grande educador brasileiro na base de nosso pensamento faz sentido para pensar, desde já, o diálogo entre comunicação, educação, consumo e cidadania. No momento em que Freire discutia sobre a realização de uma nova proposta de educação para os analfabetos, chegou à conclusão de que a primeira dimensão do conteúdo dessa educação que estava defendendo seria o conceito antropológico de cultura. “A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. [...] cultura é toda criação humana”<sup>11</sup>.

Portanto, práticas, experiências e produções simbólicas de todo e qualquer ator social. Nesses termos, fica claro que tanto as produções midiáticas *mainstream* quanto as produções periféricas do *rap* não apenas estão imersas numa cultura como são elas próprias cultura. E, no panorama atual, podemos ainda trazer para a contextualização o conceito de “cultura da mídia”, nos termos sustentados por Kellner<sup>12</sup>, que defende certa prevalência da mídia no cenário contemporâneo, *locus* que reflete e refrata elementos para os demais âmbitos culturais. Adicionadas ao cenário que o autor constrói, as novas plataformas midiáticas, os *gadgets* e as redes sociais – mais colaborativas e que justamente abrem espaço à capacidade inovadora dos atores sociais – aos quais os sujeitos contemporâneos tendem a estar cada vez mais conectados, cultura da mídia (ainda) faz sentido.

E, inseridas nesse espaço, as produções dos *rappers*, objeto de nosso estudo, começam, de certa maneira, trabalhando nas brechas do sistema midiático para depois ganharem exposição maior, ou mesmo, como localiza Cerateau<sup>13</sup>, podem ser “criações anônimas [...] que irrompem com vivacidade e não se capitalizam”.

### 4. RACIONAIS: O SUJEITO PERIFÉRICO E SEUS DISCURSOS

Nesta etapa, inspirados pela ADF, colocamos em perspectiva a constituição da identidade do sujeito da periferia apresentada pelos Racionais. Embora sejam muitas as possibilidades de abordagem trazidas pelas composições do grupo, aqui, devido aos limites característicos de um artigo, deteremo-nos em alguns dos elementos identitários: o sonho, a fé, o preconceito racial e de classe.

Os Racionais nos descortinam, em suas letras, um indivíduo sonhador, dependente do universo onírico para suportar as adversidades do seu cotidiano. Na periferia, sem o sonho, não se vive, ratifica-nos, em primeira pessoa do singular, o grupo: “*Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo*”. Mas esse sentido de esperança

11. FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 108-109.

12. KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001.

13. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 13.

atrelado ao sonho não é linear, pois há momentos em que é preciso “*sonhar ou sobreviver*”. Da aspiração de ser jogador de futebol, dos tempos de “*pivete*”, ao crime, em busca da satisfação rápida dos sonhos de consumo, é nos mostrado um sujeito que procura resistir, “*que vai se esquivando do ciclo vicioso*”, mas que cede a algumas representações de mundo que lhe parecem transversais: “*o capitalismo me obrigou a ser bem-sucedido [...] o sonho de todo pobre é ser rico*”. Mas, nas músicas, o papel de vítima fica de lado e se sobressai o discurso de que o crime não compensa: “*É um dinheiro amaldiçoado. Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava [...] 14 anos de reclusão*”. Os Racionais colocam-se como um exemplo e na condição de conselheiro, procurando manter a capacidade de sonhar como fio condutor da esperança por dias melhores entre seus concidadãos: “*O aprendizado foi duro e mesmo diante desse revés não parei de sonhar, fui persistente porque o fraco não alcança a meta. Através do rap corri atrás do preju e pude realizar o meu sonho por isso que eu, Afro-X, nunca deixo de sonhar*”.



As letras nos mostram ainda uma espécie de limbo psíquico no qual vive o sujeito periférico: “*entre o sonho e a merda da sobrevivência*”. Essa sobrevida – sofrida, como a palavra “merda” nos resume – é curta: “*Vinte e sete anos contrariando a estatística*”. Sobreviver ao inferno, como um de seus álbuns nos aponta, é caminhar por “*um campo minado*”, um território em que ser criminoso parece ser “*bem mais prático*”. Nesse cenário, surge o indivíduo dotado de fé. E essa fé, plural na fala dos Racionais – que abraça anjos, Deus, pastores, crentes, orixás –, toma certa centralidade e a ela é, em parte, atribuída o esquivo de um destino trágico: “*Os anjos do céu guia os meus passos andando no inferno*” / “*Agradeço a Deus e aos orixás, parei no meio do caminho e nem olhei pra trás meus outros manos todos foram longe demais, cemitério São Luís, aqui jaz*” / “*Fé em Deus que ele é justo [...] Tenha fé porque no lixão nasce uma flor. Ore por nós pastor [...] Admiro os crente*”.

O racismo é outro aspecto discutido pelos Racionais. A população da periferia sofre preconceito e principalmente os negros não têm praticamente espaço na sociedade, como o grupo, em tom de denúncia e recorrendo em parte a falas entre aspas, nos traz: “*60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência*

*policial. A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente*". O grupo nos vai desvelando um perfil emblemático das periferias: a pele negra, o rosto talhado pelo sofrimento, as roupas simples: "E durante meia hora olhei um por um e o que todas as senhoras tinham em comum: a roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura".

Cabe observar que, conforme nos apresenta o cientista social D'Andrea<sup>14</sup>, o movimento *hip hop*, a partir dos anos 1990 – especialmente a partir do lançamento do álbum *Raio-X Brasil*, do grupo de *rap* Racionais MC's –, foi um dos principais responsáveis pela apropriação política do termo "periferia" – até então fortemente restrito a diferentes campos da academia – pelos seus próprios moradores.

De maneira direta, os Racionais clamam que "racistas otários" deixem a periferia em paz e ainda trazem à luz como é difícil ao indivíduo periférico fazer frente a essa realidade e postular-se como cidadão em meio a uma atmosfera em que a desinformação impera: "Por toda autoridade o preconceito é eterno. E de repente o nosso espaço se transforma num verdadeiro inferno e reclamar direitos de que forma. Se somos meros cidadãos. Eles, o sistema. E essa desinformação é o maior problema". O preconceito, percebemos e destacamos, remete a cor da pele e à pobreza, pois em uma passagem o grupo fala da "indiferença por gente carente". A ironia em cima da suposta naturalização de nossa mistura racial brasileira também perpassa as letras: "O Brasil é um país tropical onde raças se misturam naturalmente e não há preconceito racial. Ha ha" [simulando risos]. Mas o racismo denunciado carrega, aponta-nos o grupo, uma dicotomia, pois "negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais".

Sonhador, sobrevivente, imerso em preconceitos social e de classe, dotado de resiliência, sofrido, à deriva. Em meio a condições díspares e adversas, emergemos – nos filtros da voz dos Racionais – um sujeito de fé. Sujeito cambiante, como o próprio grupo se postula: "Um sádico, um anjo, um bandido do céu, [...] revolucionário, insano ou marginal, antigo e moderno, imortal, [que vive] na fronteira do céu com o inferno, [...] violentamente pacífico, [que veio] para sabotar o seu raciocínio, [...] [para] abalar seu sistema nervoso e sanguíneo". Isso ratifica-nos a perspectiva de Hall<sup>15</sup>, para quem a identidade na contemporaneidade é "transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam"; [somos, por assim dizer] "confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente".

Traçada a identidade de quem enuncia os discursos das músicas, continuamos analisando as narrativas – letras que não deixam de ser suas histórias de vida, um retrato da vida na periferia paulistana –, agora em torno dos eixos que são de nosso especial interesse (em virtude de nossa inserção teórica): educação, comunicação (publicidade), consumo e cidadania.

Podemos perceber que, no geral, a educação – assim como o trabalho – não é encarada com valorização. Ou melhor, na percepção desses sujeitos periféricos, não seria a educação a grande responsável por um crescimento pessoal,

14. D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. 309 fl. Tese (Doutorado) apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), 2013.

15. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, pp. 12-13.

social ou profissional. Cristalizada na figura da escola, vemos esse descaso com a educação em: “*Vários botecos abertos. Várias escolas vazias*”.

Em certo sentido, a educação formal parece não ter importância também porque, de fato, para sobreviver em meio a essa realidade transgressora, só transgredindo também. O que conta mesmo é a “malandragem”, a experiência no crime; visão que vemos concretizada nas metáforas dos versos: “*Prestou vestibular no assalto do busão. Numa agência bancária se formou ladrão*”.

Continuando, agora com a temática da comunicação/consumo, entre as várias representações possíveis, destacamos a que enxerga a publicidade como evidência explícita da exclusão do consumo: “*É foda, foda é assistir a propaganda e ver. Não dá pra ter aquilo pra você*”. O consumo figura como desejo de bens materiais, muitas vezes marcados pelo luxo; mas, ao mesmo tempo, também se faz presente uma face simbólica do consumo de coisas simples na vida.

### **Imagina nós de Audi**

*Ou de Citroën  
Indo aqui, indo ali  
[...]  
De teto solar*

*Às vezes eu acho  
Que todo preto como eu  
Só quer um terreno no mato  
Só seu  
Sem luxo, descalço, nadar num riacho  
Sem fome  
Pegando as fruta no cacho  
Aí truta, é o que eu acho  
Quero também*

De qualquer forma, permeando ambas as vertentes de abordagem do consumo – ostentação e simplicidade –, o que predomina é a exclusão. O seu contrário, ou seja, a inclusão, quando vislumbrada, só é possibilitada pela criminalidade, pelo dinheiro roubado, pelo tráfico de drogas. Em verdade, a palavra “consumo” propriamente dita, quando explicitamente mencionada nas letras, está claramente se referindo ao consumo de drogas: “*Sem demora, aí a pedra. O consumo aumenta a cada hora*”. Representação de consumo, portanto, na versão da periferia.

Por fim, articulando educação, comunicação e consumo, temos a cidadania. Cidadania enquanto condição de sujeito ativo politicamente e que tem garantidos os seus direitos. Nesse sentido, percebemos nesses sujeitos uma relativa consciência de direitos, consciência de que sofrem racismo e de que o sistema não está do seu lado. Mas, ao mesmo tempo, uma ausência de engajamento para uma mudança macrossocial. E, nesse exercício, pois, a cidadania não se concretiza.

*Por toda autoridade o preconceito eterno [...] Somos meros cidadãos e eles, o sistema. E a nossa desinformação é o maior problema.*

*Essa porra é um campo minado  
Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui, mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho.*

Aqui a educação, desvalorizada, como apresentamos há pouco, materializa os resultados de sua ausência. Ela poderia ser o articulador para a inserção desses sujeitos na esfera da comunicação/consumo, assim como na instância da cidadania.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em toda a discografia dos Racionais, a periferia é o cenário estruturante do cotidiano e da vida, *locus* material e simbólico da existência possível. Essa categoria de aglomeração urbana – tão presente na realidade das populações socioeconomicamente marginalizadas – adquire verdadeiro estatuto tautológico, no qual, entretanto, habita toda sorte de ambiguidade sógnica. Aí, a periferia que é periferia se define, também, como lugar de “*milhares de casas amontoadas*”, de “*gente pobre*”, de “*vários botecos abertos e escolas vazias*”, de “*mães chorando*” e de “*irmãos se matando*”.

No contexto, a condição periférica se define espacial e geograficamente nas citações dos inúmeros bairros paulistanos que a compõem, mas principal e mais significativamente se institui discursivamente como lugar da pobreza, da miséria, da violência, da desesperança e da exclusão social. Consumo e cidadania emergem como aspirações legítimas e resilientes, ainda que vagas, opacas, oscilantes. Porém, a educação e o emprego não pertencem aos campos do imaginário e da representação do caminho da integração e do acesso social ao mundo dos bens. Há aqui descrença, negação, constatação da inocuidade da agência do sujeito em vencer e superar as agruras da pobreza e do desamparo pelo seu esforço, trabalho e dedicação. O mal – cuja demonização se concretiza na ambição (que “*como um véu cega os irmãos*” e na vaidade (“*a mãe dos pecado capital*”) – sempre vencerá.

*Roubaram o dinheiro daquele tio!  
Que se esforce sol a sol, sem descansar!  
Nossa Senhora o ilumine, nada vai faltar.  
É uma pena. Um mês inteiro de trabalho.  
Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!  
O ódio toma conta de um trabalhador,  
Escravo urbano. Um simples nordestino.*

Nas narrativas construídas, as possibilidades de ganho e de acesso ao consumo advindas do tráfico – apresentadas como as mais disponíveis e fáceis (“*ser criminoso aqui é bem mais prático / rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático*” / “*pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano! Roubar é mais fácil que tramar, mano!*”) – são traiçoeiras e levam, inescapavelmente, ao colapso, condenação e morte dos indivíduos (“*vários desanda, vacila e vira caça*”). Talvez, então, a única saída viável para escapar do abismo seja a da vitória pessoal pela fama adquirida nos esportes (“*no esporte no boxe ou no futebol; alguém sonhando com uma medalha, o seu lugar ao sol*”) ou no rap.

*O aprendizado foi duro e mesmo diante desse  
revés não parei de sonhar, fui persistente  
porque o fraco não alcança a meta*



*Através do rap corri atrás do preju  
e pude realizar o meu sonho*

E é desse lugar, que o grupo musical posiciona sua fala enquanto sujeito social. Eles são vencedores, sobreviventes; eles, de alguma maneira chegaram lá (“*Cheguei aos 27, sou um vencedor, tá ligado mano!!!!*”). Conheceram o inferno, mas com a ajuda dos anjos conheceram também o paraíso (“*conheci o paraíso e conheço o inferno; vi Jesus de calça bege e o diabo de terno*”; “*eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio*”). E podem, assim, narrar a tragédia cotidiana da periferia e apontar o destino fatal que abraça a quase todos os seus membros, dos quais “*a maioria se parece comigo*”.

Por isso, o discurso das letras musicais dos Racionais adquire o tom da profecia e a modulação das falas bíblicas. Eles são os anunciadores/enunciadores dos vaticínios (“*e a profecia se fez como previsto; 1 9 9 7 depois de Cristo / A fúria negra ressuscita outra vez / Racionais capítulo 4 – versículo 3 / Aleluia...aleluia... Racionais no ar*”). São eles os porta-vozes da condenação eterna, da dor e do inexorável extermínio.

Ainda assim, sobrevivem e vazam tênues sopros de esperança. Para além do reconhecimento determinístico da vulnerabilidade social e da inevitabilidade da tragédia e da morte, há um fiapo de sonho. Um sonho que, no entanto, se constrói esquizofrênico, num remendo de retalhos de discursos mágicos, evangélicos e de fragmentos da neurociência e da autoajuda vulgarizados na mídia cotidiana.

*Queria que Deus ouvisse a minha voz,  
E transformasse aqui num Mundo Mágico de Oz.*

*O pensamento é a força criadora  
O amanhã é ilusório  
Porque ainda não existe  
O hoje é real  
É a realidade que você pode interferir  
As oportunidades de mudança  
Tá no presente  
Não espere o futuro mudar sua vida  
Porque o futuro será a consequência do presente  
Parasita hoje  
Um coitado amanhã  
Corrida hoje  
Vitória amanhã  
Nunca esqueça disso, irmão.*

Como aponta Fairclough<sup>16</sup>, o sujeito interpelado em várias posições e puxado, simultaneamente, em diferentes direções tende a produzir um discurso revelador da experiência da confusão e da incerteza, que problematiza as convenções e a naturalização do senso comum.

Prática que não apenas representa o mundo mas que lhe atribui significação e que institui identidades e relações sociais, o discurso depende, também, da constituição hegemônica de sujeitos-intérpretes capazes de proceder à sua leitura coerente, de modo que possa “fazer sentido”<sup>17</sup>. Dessa forma, artistas do *rap* e seu público se constroem mútua e simultaneamente no e pelo discurso musical analisado.

16. FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 121.

17. Idem, op. cit., p. 113.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 309 fl. Tese (Doutorado) apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERSCHMAN, Micael; GALVÃO, Tatiana. Algumas considerações sobre a cultura *hip hop* no Brasil hoje. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MICHELLI, Cíntia. **O que é rap?** (2009). Disponível em: <<http://cufasinop.blogspot.com.br/2009/06/o-que-e-rap.html>>. Acesso em: set. 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2009.

REYES, Celia R. Quatro jovens, quatro trajetórias. In: Caderno Globo Universidade. **Subúrbios e identidades: um olhar multidisciplinar sobre a história e a cultura do subúrbio e sua representação na construção do imaginário social brasileiro. Uma reflexão com base na minissérie *Suburbia***. Disponível em: <<http://especial.globouniversidade.redeglobo.globo.com/livros/CadernoGUSuburbia.pdf>>. Acesso em: out. 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VAGALUME. **Racionais MC's**. Disponível em: <[www.vagalume.com.br/racionais-mcs/biografia](http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/biografia)>. Acesso em: set. 2013.